

Brasil cortou US\$ 17 bilhões da dívida

CRISTINA ALVES

O Brasil já conseguiu economizar cerca de US\$ 17 bilhões com a compra de títulos da sua dívida externa no mercado secundário internacional, desde o início de 1989. Com isso, a dívida brasileira para com os bancos estrangeiros foi reduzida de US\$ 63 bilhões para US\$ 46 bilhões. A informação foi prestada pelo dirigente de um dos maiores bancos credores do Brasil.

A operação é feita mediante a compra dos títulos da dívida com deságio (desconto). Como o Brasil não paga um centavo de juros da sua dívida externa há vários meses, muitos bancos comerciais estrangeiros têm negociado estes títulos com grande deságio num mercado secundário. Com vistas a economizar alguns bilhões de dólares, o Governo brasileiro tem preferido utilizar as suas reservas para comprar os títulos com deságio a pagar débitos anteriores.

Esta atitude, muitas vezes, tem irritado os banqueiros internacionais, que a interpretam como sendo um desrespeito ao Plano Brady, que prevê acordos formais de redução da dívida. Para eles, o Brasil está reduzindo o seu débito às custas de prejuízo dos banqueiros. No seu entender, o País só deveria adotar esta estratégia caso estivesse em dia com o pagamento dos juros.

Cada dólar da dívida brasileira está valendo, em média, 25 centavos de dólar no mercado secundário. Portanto, para cada US\$ 1 dólar de dívida, o Governo pode abater 75 centavos de dólar, o que equivale a dizer que a dívida externa brasileira está sendo negociada por um deságio superior a 75%, nos últimos meses. Este deságio aumenta à medida que crescem os riscos de que o país devedor não honre seus compromissos. Assim, quem detinha originalmente os papéis, prefere repassá-los a outros interessados no mercado secundário, aceitando receber menos por cada papel, diminuindo o chamado "valor de face" da dívida brasileira.

De acordo com recentes declarações de banqueiros internacionais publicadas no GLOBO, a Petrobrás e a Companhia Vale do Rio Doce são algumas das empresas que, ultimamente, mais se têm envolvido nestas transações de compra da dívida brasileira.

Foto de Sérgio Marques



John Reed, do Citibank, deixa o Planalto após o encontro com Collor